

O DESENVOLVIMENTO DA CRIMINALIDADE E AS SUAS CAUSAS

Nestes últimos tempos a criminalidade aumentou consideravelmente. Se fôssemos católicos afirmáramos, sem receio de errar, que Satanaz se apoderara dos espíritos e os impelia à prática de actos diabólicos. Mas reconhecido está que o Satanaz foi durante muito tempo a explicação fácil para os males cujas origens se ignoravam.

Segundo os estudos e investigações mais modernas, feitos por criaturas desempoeiradas e despidas de preconceitos, o crime encontra o seu principal instigador em questões de carácter económico.

Esta conclusão científica encontra todos os dias a sua confirmação plena. A fome, o desespero de uma existência acanhada, cheia de contradições, erigida de precipícios monetários cria no indivíduo a disposição para o crime, para o desforço, para o roubo ou para a luta sanguinolenta.

E quando esses crimes encontram na descrição romântica dos jornais ou nas cenas emocionantes dos filmes o incitamento, compreende-se a profusão de actos violentos, de delitos repugnantes que se têm produzido.

Inúmeras vezes temos protestado contra a exibição de filmes policiais que tanto ferem a imaginação do público e tantas crianças têm arrastado para a desgraça.

Os jornais e os cinemas transformaram o ladrão e o assassino em heróis. E como o herói é o exemplo, os que não estão preparados para bem discernir questões de moral ou em cuja psique a predisposição existe, encontram nos actos dos heróis o exemplo a seguir.

Os protestos contra tais processos de fazer jornalismo são necessários e úteis. Os educadores, os jornalistas, o professorado de uma maneira geral e os pais deviam interessar-se no combate ao cinema que desmoraliza e ao jornalismo que incita ao crime.

Ainda não há muito tempo um rapaz ciumento desfechou vários tiros contra uma rapariga e tentou em seguida suicidar-se. Os chamados jornais de grande informação historiaram o caso pormenorizadamente, enchendo colunas de prosa piéguas e romântica, publicando os retratos dos heróis.

Não passaram quarenta e oito horas sobre o caso que outro crime idêntico não se cometesse, com as mesmas características: tentativa de assassinato seguida de tentativa de suicídio. E dias depois dava-se ainda outro caso semelhante.

Dias depois de praticado o célebre crime do cabo Moreno, um homem feriu a companheira à machadada, na intenção de espartilhá-la. Tudo indica que as notícias de desenvolvimento em que se dividiram os heróis do crime contribuíram para o desenvolvimento do crime.

Numa sociedade, cuja desigualdade económica é um constante gerador de delitos, a imprensa e o cinema deveriam primar por contrariar as predisposições sociais existentes, procurando de preferência assuntos moralizadores.

Notas & Comentários

O Congresso da Saúde

A Batalha inicia amanhã a publicação das teses que deverão ser discutidas no próximo Congresso Nacional dos Serviços de Saúde. Num país onde estes serviços se encontram ainda tão atrasados um congresso desta natureza é absolutamente necessário e merece o apoio do povo.

Pelos hospitais

Informamos-nos particularmente de que não partiu da Comissão da Imprensa da Liga dos Amigos dos Hospitais a iniciativa de se pedirem brinquedos para as crianças hospitalizadas no dia de Natal, mas de um membro da referida Liga. Mais nos informam ainda que as Sociedades Filarmónicas Operárias vai ser feito o pedido de realizar concertos, no dia de Natal em vários hospitais de Lisboa. Se censurarmos o pedido dos brinquedos, é porque ele representava um valor monetário que mais útilmente poderia ser aplicado em medicamentos, roupas e outras coisas de que os hospitais carecem instantaneamente. A ideia dos concertos, que achamos simpática, não regateamos o nosso franco aplauso.

A tirania a quanto obriga...

A absoluta falta de espaço com que lutamos priva hoje os leitores do conhecimento do nosso reportagem sobre o Manicómiu Miguel Bombarda com unanimidade de aplausos vimos publicando há dias. Mas esta tirania, muito menos duradoura de que a riverista, já termina amanhã.

OS DEPORTADOS DA GUINÉ CONDENADOS Á MORTE

Rodolfo Marques da Costa fala da má sorte dos seus companheiros de martírio e declara provar a sua inocência

Confesso que, nestas crónicas de viagem, eu preferia dar um outro curso mais alegre às minhas impressões, tanto mais que nesta Guiné mal conhecida muito há que escrever de interessante sobre fomento colonial e dos mil aspectos que caracterizam a vida social indígena deste agregado de raças, das mais curiosas de África.

Lá iremos, pois; mas antes tenho a cumprir o dever de falar, uma vez mais, dos deportados que aqui se encontram em desgraçadas condições, acentuando que alguns deles com quem falei clamam de tal modo a sua inocência, argumentando com factos e citando testemunhos de tal natureza e importância, que seria a maior das cobardias o meu silêncio.

De mais a mais a situação em que eles se encontram, expostos às piores contingências dum clima mortífero, onde nem sempre resistem pessoas que podem alimentar-se e medicar-se bem, impõe-me o dever de falar, baseado, ainda, naquele princípio de que o preso é um «depósito sagrado», qualquer que seja o seu delito.

E serão culpados todos estes homens? Eis o que ninguém pode afirmar.

Já lhes basta a condição de presos, e todos sabemos como é arbitrária a situação criada aos deportados; mas o caso assume a maior gravidade quando, pessoalmente, verificamos como estão instalados, deitados sobre poeiras, expostos aos palustres, quando se gera a biliosa mortal, e tendo para se alimentar uma importância exigua, que é passaporte para o outro mundo.

Em Bissau falei com Carlos Ferreira, Carlos Saldanha e João Fernandes Pinto, todos na construção civil, que se mostravam contentes com o patrão, mas bastante descontentes com a pouca ou nenhuma remuneração.

Várias pessoas categorizadas, e entre estas alguns elementos oficiais, me fizeram boas referências ao seu porte.

Mas então—perguntei—se o seu porte é correcto porque os não tratam com mais humanidade?

Foi em Bissau que um velho camarada de nome Alberto Augusto Castro, que me pareceu muito leal e dedicado, me comunicou a trágica notícia de haverem morrido com febre, no arquipélago de Bijagor, os desgraçados deportados: Manuel Tavares, João Nunes Carneira e Manuel Duarte Pereira—notícia logo para aí telegráfica.

Vamos ver como vivem, ou, antes, como se preparam para morrer os restantes: Em Bolama encontrei Rodolfo Marques da Costa, camarada no jornalismo, que trabalha como revisor na Imprensa Nacional, a quem todos elogiam o porte e correção, e que me pareceu não haver a menor dúvida de que está sofrendo grande injustiça. Além deste estão aqui mais Artur Pinho Alonso, Alfredo dos Santos, Luís de Oliveira, Mário Gonçalves e José Gomes Pereira.

Este Mário Gonçalves é um desgraçado que eu vi quasi a morrer, estendido sobre uma esteira esfarrapada, ao canto duma caserna, a tremer. Viera do posto de Mene-

que, para o hospital, havia cerca de dois meses, com um ataque de febre; encontrei-o cheio de suores, a delirar.

Alfredo dos Santos tinha uma aparência tristíssima, falou-me, comovidamente, da família; e Artur Pinho Alonso irrompeu num alto choro convulsivo quando me viu. Confesso que sofri uma das mais dolorosas impressões da minha vida, nesses rápidos momentos em que visitei o pavilhão militar no quartel de Bolama onde estão os deportados.

Estive ali quasi ao cair da noite, precisamente quando desabava sobre a ilha uma trovoad enorme cujos relâmpagos iluminavam a caserna. Coincidência curiosa: Nessa caserna reparei que havia ao fundo, um palco para recreio dos militares; um teatro casualmente ali, como a recordar que esta vida é uma comédia — para uns bem alegre, para outros bem amarga...

Mas prossigamos na dolorosa narrativa: afinal dos deportados que se encontram em Bolama quasi todos têm sido visitados pelas febre, pouco conseguindo trabalhar. Quando ali estive também se encontrava no hospital, havia quinze dias, com uma gastro-enterite, José Gomes Pereira, a quem não pôde ouvir.

Dos restantes deportados que vieram para a Guiné, tive notícia que se encontravam assim distribuídos: Em Canhabaque (Bijagor) Alvaro Damas, Raúl Honorio, José Alves dos Santos, Joaquim António Pereira, António Dias, Pedro Guia, José Castela, José Rodrigues de Almeida e António Pereira Vaz. Todos estes se encontravam doentes, alguns em estado grave, espalhados nos diversos postos, mas consoante, quando eu saía da Guiné, que iam ser concentrados em Meneque também posto da região de Bijagor.

Não trabalhavam porque a doença lhes não permitia; e mesmo que lho permitisse, como e em que trabalhariam esses homens numa ilha totalmente em estado selvagem, onde ainda há florestas virgens de pegadas europeias, e os negros habitantes andam semi-nus, mal cobertos de peles e folhas das árvores?!

Em Gabú estavam Pedro de Jesus e Abel Venancio da Silva; e em Bafatá, Fausto Teixeira, José Vargas Junior e Anibal dos Santos. Embora o clima aqui seja pouco melhor é quasi a mesma a sua situação sobre estado de saúde e trabalho.

Todos eles se queixam da sua negra sorte; e vendo-os, como eu os vi, sente-se que um pouco de humanidade, que a ninguém desonrava, poderia amenizar o seu castigo; todavia, porque quero ser justo, não posso esquecer que, entre diversas queixas que escutei, alguns falavam, com agradecimento, dos capitães Horácio Marques e Augusto de Lima, e do tenente Birente que, em Canhabaque, foi verdadeiro amigo e dedicado enfermeiro dos deportados.

E' lastimável que nem todos os homens compreendam os princípios de humanidade, tanto mais que na ligeira curva da vida todos nos encontramos, mais cedo ou mais tarde, e os tempos mudam...

Um dos deportados com quem troquei mais demoradas impressões, foi, como é natural, com Rodolfo Marques da Costa, camarada da imprensa, que ultimamente trabalhava no Brasil, como redactor da Vanguarda e da Patria, que João do Rio fundou.

E' um rapaz vivo, inteligente, ainda moço, mas já com os cabelos a branquearem-lhe, talvez pelos trabalhos e cansaças da vida. Quis ouvi-lo mais detidamente; de mais a mais toda a gente, inclusive o próprio director da Imprensa Nacional onde ele trabalhava, me falara da sua conduta serena e exemplar.

Falou-me com simplicidade, sem exagerar o seu sacrifício. E' de facto um militante da escola avançada, sem tibiezas, ou transigências, mas cheio de generosidade e ponderação. Tem ideais que não está disposto a abandonar, mas não tem responsabilidade ou solidariedade com quaisquer delitos que possam envergonhar a causa.

Os seus olhos, mais ainda do que as suas palavras, convenceram-me da sua lealdade e da injustiça que pende sobre o seu destino.

—Mas, então, como se encontra você aqui?—perguntei-lhe admirado.

—Só a polícia o poderá esclarecer—disse-me encolhendo os ombros, e alargando-se na defesa dos seus companheiros de infortúnio.

—Mas a razão deste equívoco, os indícios para tal injustiça...—insisti.

—Do mesmo modo que, em todos os tempos, tem sucedido a tanto inocente, alguns até deixando-se condenar por uma questão de altivez, de legítimo orgulho, ante tão medíocres carrascos.

«O que mais me aflige é ver como estes desgraçados companheiros vão sendo dizimados pelas febres. Só lhe posso dizer, quanto a mim, que cheguei do Rio a Lisboa em fins de Agosto do ano passado. Tinha sido preso no Brasil, a propósito da revolução de 5 de Julho, em São Paulo. Estive ali na prisão com numerosos jornalistas e oficiais do exército, professores como os drs. José Otília e Fabio Luz, deputados como Leonides de Resende, Ramiro Coelho, Paulo de Lacerda e outros; e vim deportado para Portugal, pelas mesmas razões que o foram aqueles e bastantes portugueses para o Oiapoque (rio ao extremo norte do Brasil), Mato Grosso e Pará (estados do norte Brasil).

«Fui preso no Porto, precisamente na véspera da chegada de minha mulher e filhos a Portugal».

—Mas não vejo motivos!

—Só a polícia o encontrou em demasia, negando-me toda a defesa, impedindo-me de lançar os menores esclarecimentos!

«Escuso de encarecer a funda impressão que me causou o tom de sinceridade activa com que foram pronunciadas estas palavras. Tenho a certeza de que alguns daqueles mais encarniçados conservadores, mas que são homens honestos, se as ouvissem, como eu ouvi, estremeceriam ante a responsabilidade grave que representa o arran-

car do seu lar uns homem inocente, vítima do equívoco, do tumulto, da paixão que abraza a sociedade portuguesa, e atirá-lo para os pântanos da Guiné.

Evidentemente que eu não posso negar a qualquer regime, seja qual for a sua feição política, o direito natural de se defender. Mas haverá alguém de mediana cultura, na sociedade portuguesa, que possa imaginar que se defende a ordem social atacando efeitos e mantendo estúpida e covardemente, as causas?

Haverá alguém, de rudimentar inteligência, que suponha suprimir o arbitrio e a violência pessoal, por meio da violência e do arbitrio colectivo e oficializado?

Haverá alguém que suponha pacificar, corrigir, dominar o trágico tumulto da actualidade, praticando ainda mais erros, mais injustiças — como estas de confundir responsabilidades e de punir sem averiguar?

Só poderão responder, com lealdade, aqueles que já alguma vez suportaram o sofrimento provocado pela injustiça sempre revoltante.

Não poderão compreender estas palavras de sereno protesto aqueles que supõem que a Sociedade, ou quaisquer instituições que a representem, têm o direito de ser cruéis, reflectidamente violentas, conscientemente vingativas, em face dum tresloucamento individual, bastante condenável sim, mas directamente originário dessa própria sociedade que o não soube prever ou evitar e que até o fomentou. Menos ainda compreenderão tais razões os que estão sempre armados da lei e da espada contra os desmandos dos mais fracos e humildes, curvando-se ou transigindo covardemente com os desmandos dos mais fortes e poderosos, hoje ainda os senhores do mando e do mundo.

Não posso fazer ideia qual será a situação dos deportados à data em que for publicada esta crónica, longe como me encontro, só de mês a mês com pacotes em que posso fazer seguir correio; mas para mal deles, suponho que cedo as minhas palavras não perderão a oportunidade.

Já se fala por aqui, vagamente, em que serão julgados em África. Mas julgados em África com que testemunhas, como que advogados de defesa? Não se trata duma piedade doentia a favor de hipotéticos delinquentes, mas apenas duma defesa legítima que não pode ser negada a alguns homens que afirmam, com lágrimas nos olhos, que estão inocentes.

O pior de tudo, porém, é que o tempo vai gastando as palavras; e quando soar a hora reabilitadora daqueles que estão inocentes já será bastante tarde, e deste iníquo destino apenas restarão alguns homens loucos ou inválidos, e as ossadas doutros branqueando, macabramente nos cemitérios da Guiné!

Alto mar, Setembro 1925.

Juliano QUINTINHA.

NA PERSPECTIVA DA FOME!

O Comité Confederal dirige um sentido apelo a favor dos presos sociais que lutam com falta de recursos

A todo o proletariado consciente, a todas as pessoas de sentimentos elevados se dirige nesta difícil emergência o Comité Confederal da C. G. T., impetrando-lhes solidariedade a favor dos operários presos por delitos emergentes na questão social, que atravessam uma situação bastante penosa.

Aos presos naquelas condições sempre lhes foi dispensado um auxílio semanal de 25\$00 que, minorando-lhes o sofrimento, serve para ocorrer às mais urgentes necessidades do cativo. Porém, em virtude do sempre crescente número de presos, a percentagem da cota confederal destinada ao fundo de solidariedade, insuficiente já de princípio, hoje não pode vencer a importância de 1.625\$00, correspondente a 65 subsídios que são distribuídos.

Dispondo apenas, para o efeito, de 800\$00, resulta que para manter o subsídio de 25\$00 aos 65 presos, foi já necessário contrair um empréstimo, que não poderá repetir-se. Por esta dolorosa razão, ou aos presos será reduzido o auxílio, utilizando-se o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade apenas dos 800\$00 que há para solidariedade, ou o proletariado e todas as pessoas de bom coração vêm em auxílio dos infelizes presos, a braços neste momento com dois inimigos: a prisão e a fome!

E' esta a situação dos presos sociais que há mais de 6 meses vivem uma vida de tragédia, que há mais de 6 meses têm experimentado todas as vicissitudes! Se o Comité Confederal não receber o auxílio necessário essa vida de tragédia atingirá o máximo, porque os pobres presos morrerão à mingua de recursos!

Porisso todos os corações bem formados não devem demorar o seu óculo em favor dos presos, gesto que traduzindo uma alta manifestação de solidariedade é, simultaneamente, um veemente protesto contra a detenção das vítimas.

Solidariedade aos presos!

O COMITÉ CONFEDERAL

Uma sessão contra as deportações

Em conformidade com as resoluções do conselho geral da C. S. T., e de acordo com as comissões administrativas dos Sindicatos dos Litógrafos e Anexos e Indústria de Veículos, realiza-se na terça-feira, pelas 20 horas, uma sessão de protesto contra as deportações e prisões arbitrárias, na sua sede, rua do Arco da Graça, 10, 2.º, onde falarão delegados da «Comissão» progressista dos deportados e C. S. T.

E' convidado todo o operariado em geral a comparecer.

SEDOLFO

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Em nome da Itália martirizada, uma minoria asquerosa canta, ri, dança e reza aos pés do tirano Mussolini

Acabaram os «Te-Deum». Ele próprio, Mussolini em pessoa, compreendeu que as suas ordens tinham ultrapassado as indicações dadas.

Deu ordem de basta, doutro modo o próprio Deus teria manifestado aversão e nojo por isso.

Nós, misérrimos mortais, só temos um pequeno conforto na nossa amargura, que reside na esperança de que não tenha sido estirpado o cancro que lhe corroi as vísceras, realizando a tarefa de acabar para sempre com o tirano.

Temos—repetimo-lo—alguns motivos de fugaz alegria, que compensam a amargura que nos custa ver um país mergulhado em lama, que estranquila todos os restos de liberdade, que afoga todos os resíduos de independência, que suja todas as coisas que nomeia, ou em que toca.

Tristes, sim, estamos tristes, ao pensar no que cobre o sudário lançado sobre tudo quanto de independente e nobre ainda existia na Itália. Tristes e abatidos pelo pensamento do excesso de violência, que ainda vai atingir os nossos e os mais humildes, que não têm um nome de luxo para fazer reclame à sua volta, nem tão pouco a piedade dos que estão longe...

Tristes, imensamente tristes, pela distância que aparece cada vez maior entre as nossas esperanças e a barbaquada quadrilheira ou legal... Mas, porque não ver também no vermelho infernal deste monstro «apachismo» a ordem que no reverso do medalhão nos aparece contra os nossos inimigos?...

Segui-me neste exame do reverso da medalha.

Tendes olhos para vós? E ouvistes para ouvir?

Admirai os vitoriosos da vitória.

Cantos de vitória.

Hinos de vitória.

Te-Deum de vitória.

Igrejas ornamentadas para a vitória.

Cantos, Liturgia, Crucifixos, Procissões, Paradas, Marchas, Embaldeamentos. Repiques pela vitória das vitórias, e pelo «Duce», que é a Itália.

Vitória sobre todos, sobre tudo, para tudo e para sempre.

Penhor de vitória por séculos e milénios.

Deus para testemunha de tudo. A monarquia em cima entre Deus e Ele, Borgia, salvo para grandeza de Itália e por graça de Deus.

«Deus salva os salvadores da pátria!» Assim telegrafou a rainha mãe ao «Duce».

Também lho disse o outro «chulo»: d'Annunzio.

Faltou a liquefação do sangue de San Gennaro. Mas quem o sabe?

Entusiasmo?

Fôrça?

Assentimento?

Fé... ideal?

Dizei então: «Delirium Tremens».

Dizei: Dança de S. Vito, dança dos escorpíes!

Um país que se considerasse na sua grande maioria indiferente a esta função de escravo embriagado para divertir o patrão e para entreter um presidiário por crime de assassinato — em todo o caso um aventureiro enporcalhado com todas as baixeiras e todas as felonias, como Mussolini — seria um país de miseráveis destinados a uma história infame.

Mas esse país não é a Itália. Esse país, como tal, está enterrado vivo, fazendo de morto. Sobre ele, sobre a sua pedra tumular, está uma minoria de mendigos, esfarrapados com todas as imundícies, que precisam de excitantes para se julgarem vivos e heróicos.

E cantam. E rezam. Pagam para rezar. E fazem-se pagar para rezar. E fazem-se pagar para rezar. E dança e faz fortes, quem paga, reza e canta.

E fazem a parte e a «contra-parte». Impõem os Te-Deum, correm aos Te-Deum, e pagam os Te-Deum.

E têm já não há há anos alguns milhares de endoeiros de gente vil, mais obrigada a telegrafar o seu queixume, a sua alegria, o seu alarde, o seu hosanna, a sua blasfémia e a sua prece pelo Duce, e sobre o Duce, sobre o seu nascimento, a sua marcha, o seu excremento, os seus discursos, a sua eternidade e a sua escalada ao céu, para substituir o senhor Deus.

Em qualquer outro país uma classe dominante reduzida a estes baixos serviços, condenar-se-ia ao suicídio. Na Itália, em vez disso julgam-se em período de renascimento.

Deixai-os renascer assim!

E, no entanto, lancemos um último olhar a este humilde bando de régios dissipadores que têm o nome de príncipes, princesas, rainhas, duques e duquesas saboianas ou aparentadas, (fala-nos porcos, porque se trata de coisas porcas), que tem lambido o trazeiro da camisa do seu Duce nestes dias, e alimpando os beiços com papel arrancado ao Estado.

Admirai-os nesta posição de súbditos do seu súbdito. E confortai-vos.

Fôrça? Assentimento? Prestígio?

Medo de cada um e de todos e certeza da fragilidade do edifício, e certeza matemática de que depois de Mussolini — isto é depois das cantáridas aplicadas às forças da reacção — o vácuo... melhor é a revolução.

Guilherme I pôde agir na Alemanha sem Bismark, Humberto I sem Crispi em Itália. Vitor III está ligado a sorte de Mussolini, como Afonso XIII à de Rivera.

Por isso vos disse que há na angústia, em face de tanta «entredada» à volta do Duce, uma partícula de alegria: é que toda a nave do edifício monárquico só tem um pilar...

E um pilar ameaçado!

A. BORGHI

ASSINEM Os mistérios do Povo

Um arsenal em chamas

TOULON, 20.—No arsenal desta cidade declarou-se um violentíssimo incêndio, que destruiu durante a noite de ontem as oficinas de máquinas eléctricas e parte da de ajustagem.

O incêndio que se manifestou com grande violência chegou a causar apreensões, tendo sido mobilizadas todas as forças disponíveis para combater as chamas a fim de impedir que atingissem os grandes depósitos de munições.

Os prejuízos são avaliados em cinco milhões.

Um ciclone causa 800 vítimas

CAIRO, 20.—Segundo notícias recebidas da Índia, um furioso ciclone varreu toda a costa sul da Índia.

O número de vítimas eleva-se a 800

A OBRA DOS DETRACTORES

Francisca Maria Afonso fala à "Batalha" sobre o desaparecimento da Associação das Criadas de Servir

A Associação de Classe das Criadas de Servir, que no movimento contra o livreto imposto pelo governador civil Lelo Portela desempenhou um simpático papel, acaba de derruir. Das causas determinantes da sua queda falou ontem à **Batalha**, com inteiro conhecimento de causa, Francisca Maria Afonso, que no organismo das criadas desempenhou um cargo de direcção. São dessa senhora as seguintes declarações:

—As razões que deram motivo à morte da Associação de Classe das Criadas já eu expus na Câmara Sindical do Trabalho, o que levou este organismo a nomear uma comissão para apurar a verdade, apuramento que não conseguiu realizar.

—Pode explicar à **Batalha** quais são essas razões?

—Da melhor vontade o faço. Convém, no entanto, que desde já se saiba que de minha parte não há outro interesse que não seja o desejo de manter de pé um organismo que bastantes benefícios trouxe à classe de criadas de servir. E por esse desejo ser grande, é que eu não me conformei com o manejo do sr. Quintela Maia, da Associação dos Criados de Mesa, e da sr. Eugénia, empregada na agência de colocação, que aquele organismo mantém, quando estes senhores procuravam desviar as atenções das criadas de servir, fazendo-as interessar pela agência a que acima me refiro.

—Como assim?

—Eu explico melhor. O cargo de tesoureiro — que grande erro — foi confiado à senhora Eugénia. Durante quatro anos, que foi quando durou a sua omnipotência, esta criatura nunca prestou contas à direcção da Associação das Criadas de Servir o que motivou da parte desta a falta de conhecimento da marcha do movimento associativo.

—Os antigos foram passando sempre neste ramerrão que era aproveitado para enganar na agência de colocação as criadas que saíam da associação de classe e a certa altura, isto é, em Maio deste ano, quando eu e algumas colegas da direcção da Associação das Criadas nos dirigimos à sr. Eugénia para convencermos a forma de solenizar o aniversário da Associação deparou-se-nos esta macabra obra: A Associação das Criadas morrera, devido à omnipotência da sr. Eugénia e aos maneios do reactionário Quintela Maia!

—Que fez a direcção do organismo de posto em face da atitude daquelas criaturas?

—Exigiu da sr. Eugénia a entrega dos documentos e da importância o que ela fez sem ter apresentado um relatório para nós sabermos se fomos roubadas ou não.

—Não há possibilidades de reorganizar a Associação?

—Se as minhas colegas se dispuserem a essa reorganização podem contar comigo e com os documentos que tenho em meu poder pertencentes à associação.

—Apenas o que não me parece fácil é a nossa permanência no edifício onde estávamos instalados, uma vez que a Associação dos Criados em officio nos intimou a retirar todos os haveres que ficaram na travessa dos Inglesinhos. Mais: Por determinação superior não me é permitida a entrada na sede daquele organismo, exactamente porque não convém que eu vá descobrir alguma coisa...

E a nossa entrevistada, confiante na organização do seu organismo de classe, deu por finda a narrativa que os leitores acabaram de tomar conhecimento, bem sintomático do espírito reaccionário de Quintela Maia, que mais uma vez nestas columnas tem visto a descoberta a sua craveira moral.

TEATRO APOLO
HOJE 1.ª recita com a notável peça de HENRICK IBSEN
UM INIMIGO DO POVO
representado neste mesmo teatro há 28 anos, tendo o falecido actor LUCIANO criado o protagonista e CINIRA POLÓNIO o principal papel feminino
Os principais papéis pelos artistas
BERTA BIVAR
e
ALVES DA CUNHA

A arte e os artistas

No edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes, rua Barata Salgueiro, inaugurase hoje, às 15 horas, a exposição de quadros de Alfredo Keil.

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15\$00
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração de "A Batalha"

INSTRUÇÃO

Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio

As aulas desta escola abrem na próxima terça-feira, 24 do corrente, devendo todos os alunos comparecer na segunda-feira, 23, a fim de tomarem conhecimento dos seus horários e turmas por que foram distribuídos.

A favor da Academia Verdi

Na próxima segunda-feira, conforme ontem noticiamos, realiza-se no Salão da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, uma recita extraordinária a favor desta Academia que devido aos últimos temporais viu uma parte da sua sede destruída.

Subirá à scena a interessantíssima peça "As Alegrias do Lar", cuja a em Paris.

O "Grupo Musical Verd" abrihantará esta recita à qua não deixará de comparecer.

Sobre a atitude clara dos escriptores e jornalistas

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

"Senhor redactor.—O eloquente manifesto dos jornalistas e escriptores agora distribuído verberando asperamente as vergonhosas e anti-constitucionais deportações sem julgamento, e a permanência há mais de oito dias nas prisões de indivíduos sem culpa formada, é bem significativo da revolta que lava no coração daqueles que, acima da maldade e vaidade dos homens, põem as leis e os mais belos sentimentos humanitários porque a sociedade actual se deve reger.

As arbitrariedades acima apontadas devem merecer de todo o homem que possua um espirito culto e isento de preconceitos, a sua mais activa e sonora repulsa, já porque elas vão de encontro aos direitos que nos estão consignados na Constituição Política da República, já porque, nos momentos de mais acentuado perigo para a mesma Constituição, é a maioria dos presos que agora estão nesta situação deprimente e vergonhosa para o brio de uma nacionalidade civilizada, os primeiros a pegar em armas para a defesa da República, e consequentemente da Constituição.

O meu acendrado amor à República, mas República republicana porque o que para si se estadeia, não é mais do que uma monarquia retrógrada e anti-libertária, leva-me a assumir esta atitude clara, na hora de cruciante dor para os pequeninos seres, que indiferentes a todas as maldades dos homens, vêm desaparecer para todo o sempre nas plagas de África aqueles que lhe dearam o ser e que eram o seu único amparo.

Sacavém, Novembro 1923.—António de Oliveira."

COLISEU
HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE
Os mais extraordinários e sensacionais trabalhos
— DA —
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
Notabilíssimo sucesso dos célebres artistas
TROUPE ZACHINI — MISS ARIETTE
IRMAOS TRINCHANT
4 CAVALOS SELVAGENS 4
UMA FOCA AMESTRADA
Ultimos dias da graciosa e gentil artista
Miss Quincy
AS MAIORES NOVIDADES E ATRAÇÕES
Domingo—Grandiosa matiné
Bilhetes à venda
Segunda-feira—4 SENSACIONAIS ESTREIAS—4

CONTRA A VARIOLA

Os subdelegados de saúde e autoridades sanitárias estão prosseguindo activamente na campanha contra a variola que tem aparecido em alguns pontos da cidade.

A Direcção Geral de Saúde tem feito distribuir e afixar avisos de que a vacinação é obrigatória e gratuita, sendo os pais obrigados a mandar vacinar seus filhos, os directores dos colégios e estabelecimentos de ensino os seus alunos, os chefes dos estabelecimentos industriais e comerciais os seus empregados e operários. Os subdelegados vacinam nas áreas sanitárias, sendo os locais e horas sabidos nas esquadrões de policia.

Na delegação de saúde, rua Eugénio Santos, 141, vacina-se todos os dias, às 11 horas, mesmo aos domingos.

Intérpretes de Portugal

A Comissão Organizadora, eleita na última reunião, convida todos os intérpretes a comparecer na assembleia geral que se realiza hoje no local da passada reunião, pelas 20 horas, e onde deverá ser presente a seguinte ordem dos trabalhos: Apreciação dos Estatutos, Nomeação da Comissão Administrativa, Assuntos vários.

Pede-se a comparencia de todos em virtude da importância dos trabalhos.

APOLO
Epta. noite, que vai reviver o hero e notável drama de Ibsen "Um inimigo do Povo" representado neste mesmo teatro há 28 anos, com absoluto exito, pelo falecido actor Luciano e Cinira Polonio, nos primaciaes papéis.

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família
Por Benoit Bouché.—Tradução de Enfilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e outros devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. Não sendo nas livrarias.—Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800
Direcção artistica de Henrique Santana
ALEGRIA E ENTUSIASMO
CREMILDA DE OLIVEIRA
em três papéis de destaque
GRANDE APARATO
NO PAIZ DO TIRISMO
NOTAVEL CONJUNTO
Luxuoso guarda roupa de CASTELO BRANCO

Teatro Nacional
Telefone Norte 3049
HOJE—1.ª REPRESENTAÇÃO
2.ª RECITA DE ASSINATURA
AS DUAS METADES
DE
Gilherme Zorzi
fidos os societários e alguns artistas contratados
Enscenação do professor António Pinheiro

Contra maneios divisonistas

Uma carta de um grupo de ferroviários da C. P.

De um grupo de ferroviários da C. P., discordantes da orientação da comissão administrativa do respectivo Sindicato, recebemos com pedido de publicação a seguinte carta:

"Camarda redactor.—A Comissão Administrativa do Sindicato dos Ferroviários da C. P. fez publicar no passado dia 13, na imprensa diária, uma nota prevenindo todos os Sindicatos e Associações de classe que não cedessem as suas salas a um grupo de ferroviários que tem reunido em grupos locais para estabelecer a confusão no seio dos ferroviários da C. P."

Ora, fazendo nós parte desse grupo, vimos solicitar da lealdade de v. a inserção das linhas que seguem e que são a expressão da verdade.

A atitude tomada pela referida Comissão para com a Federação Ferroviária é que tem originado as desinteligências ultimamente suscitadas entre a nossa classe, pois que, estando cada um dos seus componentes a contribuir com a importância de \$70 por mês para a Federação, esta importância encontra-se retida nos cofres do referido Sindicato, para o que tudo se tem feito conjugar arbitrariamente, chegando-se ao ponto de já se terem realizado assembleias gerais sem conhecimento do maior número de pessoal, a fim de nas mesmas se comparecerem os indivíduos que lhe são agradáveis. Nas referidas assembleias e nas que alguns dos verdadeiros defensores da organização têm podido assistir, tem-se constatado que as resoluções tomadas não estão conformes aos desejos da maioria da classe, pois que na última efectuada—29 de Outubro—o documento aprovado—uma moção de ordem—havia sido apresentado há três meses aproximadamente numa outra assembleia que tratou do assunto!

Por aqui se vê como tudo isto vai correndo...

Uma questão destas, que deveria ser analisada por toda a classe, para o que teria de chamar-se a sua atenção, tem sido restringida à análise de 50 ou 100 ferroviários, numa rede que tem alguns milhares de associados!

De tudo isto, e porque de antemão é conhecida a má vontade dos dirigentes do Sindicato da C. P. para com a Federação, é que surgiu a discordância dum parte do pessoal que quer que toda a classe se manifeste sobre a questão, e daí o fazermos tudo quanto em nossas posses caiba para que a organização não sofra as consequências dum condução que se não justifica de forma alguma, por parte dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., e evitar que a nossa classe amanhã se encontre isolada dos restantes ferroviários do país, que é o que, desastrosamente, se pretende fazer.

Muito mais poderíamos referir, visto assuntos ter havido em que a opinião da classe deveria ser consultada, e pelo contrário têm sido ditatorialmente resolvidos e postos em prática pelos dirigentes do nosso sindicato, sem atenção alguma pelas responsabilidades do seu cargo e a soberania do pessoal.

Agradecemos, pois, a publicação destas linhas, subcrevemo-nos com toda a consideração, António Marques, Amílcar da Silva, Francisco Pavia, Aníbal da Silva, António João Regueira, Daniel Antunes Garcia, Manuel Miranda e Cesar de Andrade.

Do último signatário desta carta, o nosso velho camarada Cesar de Andrade, ferroviário há 36 anos, recebemos também uma extensa carta que, devido à absoluta falta de espaço e porque a sua matéria condiz com a carta supra, nos abstermos de publicar, o que, esperamos, aquele camarada relevará.

Também temos presente um manifesto editado pela Federação Ferroviária sobre o mesmo assunto ao qual nos referimos largamente amanhã.

DESPORTOS

União Foot-Ball Lisboa
São avisados todos os sócios deste Club que devem adquirir no mais curto espaço de tempo os novos cartões de identidade até Janeiro p. f. os quais se tornarão obrigatórios para entrada no campo de jogos.

Os livros e os autores

PREGÃO DE REVOLTA, de Aristides Ribeiro

Pregão de revolta é uma carta aberta, em verso, que Aristides Ribeiro dirige ao presidente do ministério e em que se verbera a atitude tomada para com os presos por questões sociais e que tem ido desde a prisão sem culpa formada até ao desterro para a África, sem julgamento. O título da carta sintetiza bem a sua essência. Os versos são bem construídos, feitos com relativa facilidade. Aristides Ribeiro demonstra qualidades, tem nervo e inspiração. Há nas suas rimas certa musicalidade e fluência.

A obra literária "Pregão de revolta" pela sua essência combativa e até pelo seu recorte poético, deve ser adquirida por todos os operários e ainda por todas as pessoas que sentem a sorte das vítimas que Aristides Ribeiro justamente defende.

O ULTIMO LUSIADA, de Mário Beirão

Mário Beirão é, dos poetas da moderna geração, um dos mais qualificados. Com a reedição do seu primeiro livro "O ultimo lusíada" veio recordar-nos os formosos versos cheios de evocação, repassados de lirismo perfumado e, acima de tudo, expletivos de inspiração e de forma.

O ritmo que se espalha em toda a composição deste livro é dum alacare suave, de harmonico, elegante, extático, dum adura elegiaca. Os sonetos atingem uma esculptura admirável, em que há muita luz íntima e cristalização de sons distintos.

UMA FLOR DE ENTRE O GELO, de Acúrcio Cardoso

O jornalista Acúrcio Cardoso, espírito culto, extraiu dum conto de Júlio Dinis um acto a que deu o título da procedência "Uma flor de entre o gelo". É uma feliz adaptação à scena dramática em que se conserva a primitiva beleza da produção, revelando ao mesmo tempo em Acúrcio Cardoso, um certo *savoir faire* de bastidores. Original e adaptação são dois mimos literários.

Nogueira de BRITO

TEATRO SÃO CARLOS
Hoje e todas as noites
O PRINCEPE JOÃO
A admirável peça que está obtendo um autêntico êxito
Nos principais papéis os artistas
LUCILIA SIMÕES
e
SAMUEL DINIS

OS QUE MORREM

Joachim Pereira da Conceição Pires

Noticiamos ontem em "Ultimas" o passamento do decano dos anarquistas portugueses Joaquim Pereira da Conceição Pires, cuja biografia a **Batalha** deveria hoje inserir. Tal cometoimento não pode realizar-se dentro do acanhado espaço de que dispomos, a menos que esse escorço ofuscasse o brilho dum obra de 40 anos.

Amanhã renderemos a Conceição Pires a homenagem a que tinha merecimento.

O seu funeral realiza-se hoje, às 12 horas, saindo da rua Ferreira Lapa, 23, 1.º (ao Bairro Camões), para o Cemitério Oriental.

Henrique Serra

Faleceu ontem no hospital de São José o sr. Henrique Serra, marginador que foi de diversos jornais diários de Lisboa e actualmente na secção de impressão da Caixa Geral de Depósitos. O funeral realiza-se no domingo do hospital de São José, a hora ainda não determinada.

CABECO DE VIDE, 19.—Faleceu no hospital desta vila o jovem sindicalista Romeu Gonçalves Realinho que era muito estimado pelas suas qualidades de caracter e pela sua dedicação à causa dos trabalhadores.

No seu funeral que saiu da Misericórdia desta vila incorporou-se toda a classe rural organizada e muitas pessoas desta povoação.

O extinto contava 17 anos. Com a sua morte perde a organização operária um dos seus elementos mais sinceros e uma das mais convictos inimigas da exploração e da tirania contemporâneas.

Acontecimento editorial:

Almanaque de A BATALHA
para 1926
E' posto à venda entre os dias 10 e 20 do próximo mês de Dezembro o **Almanaque de "A Batalha" para 1926**. Contém um volume de 160 páginas e contém além de muitos retratos e fotografuras de acontecimentos, a seguinte interessante matéria:
O almanaque do ano. Indicações úteis. Resumo diário dos factos notáveis da vida operária portuguesa. Os grandes acontecimentos mundiais. Militantes e propagandistas mortos. Organização sindicalista. Legislação operária. Endereços dos organismos operários nacionais. Amendência científica, filosófica, artística e revolucionária.
Preço do Almanaque de "A Batalha" para 1926 — cinco escudos.

NACIONAL
"As duas metades", comédia em 3 actos que hoje dá a sua 1.ª recita, com papéis de destaque as actrizes Ester Leão, Maria Pia, Palmira Torres e os actores Antonio Pinheiro, Ribeiro Lopes e Clemente Pinto.
DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em "cauchú". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.
MARIO MACHADO
R. Garrett, 74. 1.º "Chiado"

'A Batalha' na provincia e arredores

Cova da Piedade

Efeitos da política — Falta de higiene

COVA DA PIEDADE, 19.—Na Cova da Piedade existia uma Secção da Corporação Geral de Bombeiros Voluntários de Caxilhas. Tanto dificultaram a sua estada nesta localidade, que teve de recolher todo o seu material de incêndios ao Quartel de Caxilhas.

Porque os da Piedade "comerciantes e industriais" não se dêem bem com os de Almada, dificultaram a edificação dum casa apropriada para guardar o material de incêndios, junto do jardim público desta pequena localidade. Ora, o que é certo é que esta localidade, assim como o Camurajo, Barrocas, Pombal e Mutela, cuja população na sua grande maioria é trabalhadora, ganhando insuficientes salários para pôr no seguro os seus trastes, ficou com esta medida sem as vantagens dos sacrificios desses abnegados rapazes da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Caxilhas.

Em frente da sede dos Operários Corticeiros existe uma casa, que em tempo serviu a fabrico de cortiça e actualmente serve de depósito de miudezas, ossos, etc., e exala um cheiro que ao passarmos junto dela nos causa náuseas.

Com franqueza: já não bastava a pestilência dos pântanos e fogos do Camurajo e Piedade, e ainda por cima nos mimosearam agora com mais esta.

Não sei se merecerá a pena pedirmos aqui providências, pois estamos já acostumados ao desprezo pela saúde pública. No entanto os industriais corticeiros, aproveitando a greve, vêm de solicitar aos seus operários que regressem às fábricas para se vacinarem por causa da varíola. Como isto é interessante...

Se querem acabar com as epidemias, façam as canalizações convenientes para os esgotos, não permitam que no Matadouro Municipal se abatem ovelhas prestes a terem os carneiros, gado, tuberculoso, etc. Por aqui então é que vai uma perfeita miséria, sobre a atenção que deve haver pela saúde pública.—C.

Barreiro

Navegadores à força

BARREIRO, 19.—Há uma rua nesta vila a que deram o nome do grande navegador Vasco da Gama.

Julga a Câmara que, por a rua ter aquele nome, todas as pessoas que por ali hajam de transitar têm o dever de ser *navegadores e nadadores* e daí o desleixo a que a votaram, não mandando aterrorizar devidamente. Resulta desse desleixo indiscutível, que nesta quadra do ano torna-se intransitável porque aglomerando-se as águas das chuvas, que não têm escoamento, formam um perfeito lago sem que haja possibilidade de se passar a pé enxuto.

De noite então é um martírio visto que, para evitarem despesas, ainda ali não chegou a iluminação.

Convidamos os membros da Câmara, e em especial o seu presidente, a darem por ali um passeio não se esquecendo de irem de noite. Devem de gostar, é muito agradável.

Será necessário importar a areia para se fazer o aterro da rua?—C.

Mina de S. Domingos

Um despedimento arbitrário e uma ameaça perigosa

MINA DE S. DOMINGOS, 18.—Ultimamente foram despedidos dos trabalhos da Mina dois operários que há longos anos nela trabalhavam. Duvidamos que não houvesse trabalho para aqueles operários. O pretexto da Empresa ou do seu gerente para despedir não reside a razões que por enquanto apenas desvendamos!... Mais uma vez lembramos ao sr. gerente que de mentalidades estúpidas já recebemos duros ensinamentos e agora não estamos dispostos a suportá-las.

Os empregados do escritório estão sob a ameaça de uma baixa de salários que depois se estenderá aos restantes operários... E não temo um gesto que os dignifique do servilismo em que se têm mantido?!... Dar-nos háo ainda mais uma prova de que a sua apatia viem contribuir para que amanhã tenhamos de lamentar um maior número de vítimas?!—C.

Sintra

Um que não quer ser mais tempo assassino

SINTRA, 19.—De passagem por esta vila onde veio visitar um amigo que já faleceu, esteve alguns dias aqui um soldado do "tercio" com quem trocámos algumas impressões sobre o seu alistamento na Legião Estrangeira.

Segundo o nosso homem, o seu alistamento foi feito em Badajoz por uns portugueses que o levaram para a frente da batalha, mediante o pagamento de dois duros por dia e cinco pratos e roupas. Uma vez ali o contrato não foi respeitado, e quando protestavam castigavam-nos fazendo-os subir uma mella das hipóteses, pois outras vezes eram fusilados.

O legiãoário, em 22 meses que esteve em Marrocos, entrou em 17 combates e ficou prisioneiro 5 vezes, só sendo bem tratado quando foi refeito dos marroquinos.

Preguntando nós se ele voltava para o "tercio" respondeu-nos que não, pois estava farto de ser assassino.—C.

TIVOLI
TEL. N. 5171
A's 8 horas e 3/4
A ILIADA
1.ª jornada
O rapto de Helena
Admirável realização cinematográfica do célebre poema de Homero
Circuito hípico de Portugal
Duas cinéfaras
A Iliada passa no écran às 9,20 h.
A'MANHÃ—Matinée às 3 h.

A carne de porco vai encarecer devido a uma medida governamental

Com o pedido de publicação, recebemos o seguinte comunicado que gostosamente publicamos:

"A Associação de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes, reunida a fim de apreciar a portaria que autoriza a exportação de gado suíno e seus derivados, resolveu protestar contra tal medida governamental, pois ainda o decreto não entrou em vigor e já se fez sentir os seus efeitos no mercado, como sucedeu hoje com o *errefido* gado que subiu 15\$00 em arroba.

Foi resolvido elaborar uma representação e entregá-la ao ministro da Agricultura, reclamando a revogação de tal medida por atentatória à vida e estabilidade da nossa classe e à bolsa do consumidor. Resolveu ainda exigir da mesma entidade uma rigorosa fiscalização na fronteira a fim de evitar a saída clandestina para Espanha de gado bovino porque já se está fazendo sentir a sua falta no mercado de Lisboa.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—**Empresa Literária Fluminense, Limit.**—R. dos Retreiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de "A Batalha".

Sociedades de recreio

Grupo dramático "Os combatentes"—Hoje e amanhã, pelas 21 horas, baile abrihantado pelo grupo musical do "Cruz Quebradense".

Sociedade de Recreio Operário "A Portugal"—A's 21 horas, grandioso baile dedicado ao Club Musical "União do Alto do Pina, abrihantado por uma Troupe Musical da Sociedade Esperança e Harmonia, sob a hábil direcção do sr. Eduardo Graça.

Amanhã, às 21 horas, baile dedicado às damas frequentadoras desta colectividade

"A protecção aos animais"

Promovida pela Sociedade Protectora dos Animais realiza o dr. sr. Júlio Eduardo dos Santos, nos dias 25 e 26 do corrente, respectivamente nas sedes da Associação Cristã da Mocidade e Universidade Popular Portuguesa uma conferência cujo tema versará a protecção aos animais.

A estas conferências seguir-se-hão outras em local que oportunamente será anunciado.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica

São Carlos

Hoje é noite de festa e entusiasmo neste teatro: repete-se a interessante peça "O principe João".

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico do Estoril
Aberto todo o ano

Banhos de água mineral e salgada. Banhos carbo-gasosos e sulfurosos artificiais.—Duches.—Lamas.—Banhos de limpeza.—Tratamentos pela luz, calor, electricidade e massagem. Irradiações de raios ultra-violetas.

Tratamento do reumatismo, gota, nevralgias; doenças cardio-vasculares; doenças de senhoras; paralisias; linfatismo; doenças da pele, etc.
Aberto todo o ano. Consulta das 9 às 12 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Empregados no Comércio e Industria—A Assembleia Geral desta instituição mutualista, reunida em 17 do corrente, tomou conhecimento do legado de 10.000\$00 feito pelo falecido sócio n.º 525 sr. João Fialho Marques autorizando a direcção a habilitar-se ao seu recebimento.

A assembleia afirmou numa grande manifestação de respeito a sua gratidão à memória do extinto, que demonstrou, no seu testamento, ser um grande amigo das instituições de previdência.

Depois de ser aprovado um parecer da direcção para que, para efeitos de contabilização, a renda do edificio seja fixada em 12.000\$00 anuais, foi também aprovada uma proposta nomeando sócio benemérito o sr. José Ferreira, antigo construtor da sede social e actual fiscal dos serviços internos.

Seguidamente foi largamente apreciada uma nova proposta da direcção para que fosse estabelecido o serviço gratuito de análises para os sócios tratados pelos clinicos estranhos quando autorizado pelo corpo médico da colectividade.

Esta nova modalidade de assistência, que veio resolver um problema de grande relevância nos serviços médicos-cirúrgicos desta instituição, foi aceite pela assembleia, devendo entrar em execução no próximo mês de Dezembro.

TEATRO SÃO LUIZ
A pedido da Colónia Espanhola
HOJE e A'MANHÃ
Duas últimas recitas com
LA GOYA
que cantará acompanhada pela companhia portuguesa
O PASO-DOBLE DO CORO DE LOS MANTONES
da zarzuela Pobre Valbuena
com a orquestra regida pelo notável maestro **SERAFIN RADA**
O espectáculo começa pela espectaculara opereta
A MONTARIA



A luta contra a baixa de salários

Através dos mais ingentes sacrifícios, os corticeiros chegam ao seu vigésimo segundo dia de greve com a mesma viril disposição de triunfar!

Está tomando um aspecto interessante a questão baixa de salários. Enquanto por todo o país, nas grandes e pequenas indústrias, nas fábricas e nas oficinas, os industriais, obedecendo a um *mot d'ordre* sinistro e usurário, procuram arrancar aos salários dos seus assalariados uma parte que sirva a refazer os da aliás curta redução de lucros que a sua desleal e mútua concorrência ocasiona, a Associação Industrial Portuguesa, cabeça pensante do industrialismo da nossa terra, pela boca do industrial César da Silva Azevedo, permite-se, muito hipocritamente, varrer a testada da culpa nas perturbações que se fazem sentir, alijando as responsabilidades que irrefutavelmente lhe cabem nos conflitos latentes.

Numa entrevista concedida ontem a um jornal da tarde, afirmava aquele sr. industrial que a sua associação não pretende nem desejar, de qualquer forma, perturbar o país ou agitar as classes operárias, com a falada baixa de salários.

Aos exploradores da A. I. P. tolda-os o horror às responsabilidades, ao ponto de mentir descaradamente.

Então, a baixa de salários é apenas uma coisa falada?

Quem perturba o país e quem agita as classes operárias? Sim, quem é esse grande *meneur*, senão a fome decretada pelos industriais que ferozmente se lançaram na redução dos salários?

Ainda, numa demonstração triste de cobardia e de hipocrisia, afirma o clarim da A. I. P. que a acção contra os salários se verifica unicamente em casos isolados, que a redução não será a bruta mas sim de acordo com os operários...

Casos isolados... uma greve como a dos corticeiros, que comporta aproximadamente 12.000 operários!

Acordos... quando se fecham os ouvidos à razão e à «outrance» se procura reduzir à fome um tão grande número de famílias.

E' lá possível estabelecer acordos entre a fome e a usura?

A esta forma *inteligente e conscienciosa* dos seus *beneméritos* industriais devem responder os operários em luta com aquela altivez que tanto os tem nobilitado.

Que todas as classes trabalhadoras, apercebendo-se do nefando jogo dos industriais saibam pôr de parte as pequenas coisas que as possam ter mantido incompatibilizadas e os saibam enfrentar, opondo uma luta persistente e franca às manifestações hipócritas dos vivedores do suor alheio.

Nota do comité da greve

Camaradas: A luta que tão nobremente vimos mantendo carece de mais um esforço vosso para os sacrifícios, a que a rapacidade dos nossos patrões nos tem forçado, sejam coroados pela garantia dos salários que auferíamos.

Hoje, mais do que nunca, todos os corticeiros devem apelar para toda a sua coragem, para toda a energia, visto que o custo da vida vai subindo pouco a pouco. Da nossa situação não se compadecem aqueles para quem, durante uma existência inteira, temos dado o nosso esforço.

Redobremos, portanto, de coragem nesta luta!

Este comité confia que imediatamente algumas classes que, com a sua solidariedade, podem contribuir para a solução do nosso conflito, se manifestem, recusando-se a tocar sequer em qualquer artigo de nossa manufatura.

Avante, pois, camaradas!

Viva a greve! Viva a solidariedade operária!

O Comité

Nota da comissão de "démarches"

Camaradas:—Esta comissão comunica-vos que assistiu ontem a uma reunião da Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa, a qual, depois de discutida a justificação da sua atitude em face da nossa greve, resolveu prestar-nos a mais absoluta solidariedade.

Assim, fortalecidos por este justo apoio, ha que prosseguir, camaradas, pois que a vossa persistência nos dará a vitória.

Que nas fábricas de cortiça se não encontrem nem um único operário corticeiro, pois nisso está a garantia dos salários que auferíamos!

Em Belém

Reuniu a classe para apreciar a marcha do movimento, sendo a coesão dos grevistas bem patente.

Foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Não retomar o trabalho sem que nos façam justiça; 2.º Considerar traidores todos aqueles que trabalhem com cortiça, neste momento, ou sejam aqueles que a manipulem ou carreguem.

Ficou marcada a reunião para hoje, às 12 horas.

No Póço do Bispo

Reuniram os corticeiros desta área para apreciar a marcha da greve, constatando tem notável pesar de decorridas três semanas, trução Civil, mantêm firmes e dispostos a lutar uma recita ria.

Academia q' rais viu um

Subirá em-se firmemente a greve corticeira

As Aler localidade. A classe ontem reunida em Par-veiu prosseguir na luta até completa O toria.

Em Aldegaleta

Nesta localidade a greve corticeira mantém-se apesar da miséria já se fazer sentir.

CONTRA O VASILHAME DE TORNA VIAGEM

Num comício efectuado em Vila Nova de Gaia os trabalhadores manifestam-se contra os inimigos da classe dos tanoeiros

VILA NOVA DE GAIA, 19.—No teatro Cine-Parque, de Gaia, gentilmente cedido pelo sr. Alvaro de Carvalho, que já fôra profissional de tanoaria, efectuou-se um grandioso comício de centenas de tanoeiros em greve, ao qual assistiram, além do secretário geral da Federação Vinícola de Portugal, bastante povo do concelho, ávido de conhecer a questão.

A princípio, as autoridades quiseram pôr um tom bélico nas imediações do local, mas pouco depois as forças de infantaria e cavalaria retiraram-se por ordens superiores: compreenderam a tempo a inutilidade da provocação, visto que a reunião era em recinto fechado. Apenas um chefe de polícia e alguns agentes à paisana estiveram numa das freixas a fiscalizar o acto.

Além disso, entre a multidão que enchia literalmente a casa de espectáculos se encontravam também alguns agentes de casas exportadoras inglesas, no intuito de espionarem o que se passava—presidiu o camarada Miguel Moreira, da U. S. O. do Porto, que teve a secretária-ia António Joaquim dos Reis e Francisco de Sá, da classe em luta.

O presidente, em nome do organismo que representa e, portanto, das classes operárias do Porto, as suas efusivas saudações, a sua solidariedade moral, apelando para que dêste imponente comício saia verdadeiramente o início da greve, a fim-de, com toda a coesão e energia, serem repelidas as investidas do industrialismo ladravaz. Pede para que todos os oradores se conduzam de molde a não provocarem a intervenção de quem nisso possa ter interesse.

Joaquim dos Reis, historiando a luta que há quatro semanas se vem sustentando gloriosamente, atribui este facto à atitude insólita dos governantes, os quais, apesar deles próprios terem, perante uma comissão, reconhecido toda a justiça das reclamações, ainda se não dignaram atendê-las, como é devido. As responsabilidades dêste pleito cabem também aos exportadores: a despeito das reclamações contra o vasilhame de torna-viagem serem já antigas, eles pretendem fazê-las passar por uma questão nova. O orador termina por declarar que os tanoeiros em greve não exigem aumento de salário nem quaisquer condições—o que desejam é o trabalho e o pão assegurados.

Francisco de Sousa Canaverde, em nome do Grupo Anarquista «Filhos da Liberdade», de Gaia, traz aos grevistas as suas saudações. Acusa o governo inglês, tirânico como todos os outros, de um pouco de responsável pelo que se está passando. Mas que o governo britânico procure, por todas as suas habilidades, piratear os portugueses, não é para admirar. O que é para indignar, é que o governo republicano português, que é mais pelos interesses dos estrangeiros do que pelas razões dos próprios nacionais, esteja mancomunado com os governantes da velha Albion. Exteriorizada a sua revolta, termina por aconselhar a que todos os grevistas sejam energicos na sua luta, à qual o Grupo A. «Filhos da Liberdade» prestará o seu decidido concurso.

David de Oliveira, secretário geral da Secção Metalúrgica de Gaia, principia por uma exortação verdadeiramente sentimental. Se os governos estivessem habituados a olhar com carinho pelos interesses nacionais, positivamente que as justas reclamações dos tanoeiros em luta já estariam a estas horas integralmente satisfeitas—e, portanto, assegurado o desenvolvimento dum país das mais importantes indústrias do mundo. O que os grevistas pedem é justo, é humano—é a divisão do trabalho por muitos braços desocupados, é pão para toda a família tanoeira. Depois de afirmar que a luta em trânsito não é só dos tanoeiros, mas interessa a toda a classe trabalhadora, que presentemente também se encontra a braços com uma enorme crise de trabalho, exclama: Achem absurdo que se pretenda que o vasilhame exportado não volte para o país.

E não acham também absurdo que os caixotes que abrigam os utensílios metalúrgicos, as latas de óleo e de gasolina, os tambores de combustível tenham de ficar e não possam voltar ao ponto de partida? E' que no estrangeiro protege-se melhor a indústria.

Alude ao facto dum casa exportadora enviar para a Inglaterra umas 13.000 pipas, das quais, mercê dos efeitos do torna-viagem, só precisou de fabricar 6.000!... Insurge-se contra a Inglaterra oficial, que nos julga seus lacaios, e refere-se a uma lei que houve em tempos: se os governos da república não estivessem tão abandonados e tão subservientes perante pressões estranhas, essa lei estaria em execução. Revolta-se que uma dúzia de criaturas esteja a esmagar milhares. Só a Revolução Social, conclui, que transforme radicalmente esta sociedade e irmanize os povos num amplexo fraternal, é que porá termo a estas anomalias existentes.

Joaquim do Carmo faz uma história sucinta da marcha do movimento e de tudo quanto se tem passado com as instâncias oficiais. Critica asperamente a atitude governamental depois do que se passou com a Comissão encarregada de dar um parecer sobre o assunto, e demonstra, com uma grande copia de argumentos, que neste caso não é estranha a influência nefasta do sr. Norton de Matos. Este sr. Norton de Matos, que, segundo os dizeres dos próprios políticos, roubou nas colónias onde foi terrível Cônsul, colocou-se ao lado dos interesses ingleses, vendeu-se, por assim dizer, ao governo inglês: quando supor que a questão já se resolvevia em benefício nacional e justamente a favor dos interesses de milhares de trabalhadores portugueses, officio ao nosso governo para que ele saltasse por cima de qualquer deliberação da dita Comissão que fosse favorável aos reclamantes, ao país, por cima de toda a justiça, de todas as razões, por mais plausíveis que elas fossem. L. até hoje... o governo ainda não se decidiu a atender as justas reclamações dos tanoeiros em greve. E' que os gatinhos de alta libré, são mais depressa atendidos nas suas pretensões miseráveis, do que os honrados trabalhadores nas suas exigências legítimas.

Depois de repelir todos os *trucs* que as casas exportadoras inglesas têm usado para justificar o seu sistema de torna-viagem, baseada em factos históricos para demonstrar que a Inglaterra em todos os temposvosso officio vale.

tem sido pirata no mar e exploradora na terra—terminando o seu discurso vibrante por uma dissertação doutriniária sobre a acção revolucionária dos trabalhadores, sem a qual nunca foi capaz de conquistar a mínima regalia, e sobre a Revolução Social, de cujas barricadas se constituirá uma sociedade igualitária por de sobre as ruínas fumegantes do regime ladravaz do capitalismo.

Fastino Ferreira, secretário geral da Federação Vinícola de Portugal, faz também a história do todas as *démarches* efectuadas, desde longa data, para se conseguir o *terminus* do vasilhame de torna-viagem. Referindo a publicação dum lei que depois foi revogada, e ao facto de se compreender que não seja contra o vasilhame de torna-viagem para as nossas colónias, mas sim para o país—apresenta como interessante paralelo o caso passado com os taximetristas em Lisboa: contra a deliberação, por 4 votos contra 2, dum comissão nomeada para dar parecer sobre se sim ou não esses taximetristas deviam sair livremente da Alfândega, sem qualquer encargo, o governo optou pelo contrário, isto é: pelos dois votos que não reconheceram de utilidade publica os taximetristas destinados ao transporte barato do publico. Com o torna-viagem o governo procede da mesma forma, quer dizer: coloca-se contra a justiça, contra a razão dum classe de milhares de famílias em benefício dos interesses dum tanto de casas exploradoras.

Entre outras considerações, explica a razão porque os tanoeiros de Lisboa e Almada não estão em greve como em Gaia e no Porto, no norte, em fim: se reclamamos ao Estado e aos exportadores contra o vasilhame de torna-viagem, isso não quer dizer que nos opunhamos ao fabrico por nós. No sul não se trabalha no vasilhame de torna-viagem, o que não acontece no norte. Regojia-se pela tenacidade da greve e apela para que todos continuem firmes como até aqui.

Falam ainda Joaquim Rios, Alberto Lopes de Sá, Manuel Fernandes e Bernardo Ferreira, todos apelando para a consciência dos seus camaradas e aconselhando a máxima solidariedade entre os grevistas—da qual depende a vitória e o futuro da classe.

Fastino Ferreira, secretário geral da Federação Vinícola, volta a falar para desfazer as insidias daqueles que afirmam ser a greve produto de uns tantos *meneurs*. A numerosa concorrência do comício, o entusiasmo que o animou, são a prova exuberante do contrário, isto é: que a luta está na alma de todos os tanoeiros.

O presidente, após umas breves palavras de incitamento, encerra o comício aos vivas à organização operária, à C. G. T., grevistas, à *Batalha*, à *Comuna* e *Revolução Social*—vibrantemente correspondidos.

Antes de ser encerrado o comício foi aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

O povo trabalhador de Gaia reunido em comício publico no Teatro Cine Parque Avenida resolve:

1.º Saudar efusivamente os camaradas que se encontram em greve, fazendo ardentes votos pela sua rápida vitória;

2.º Lamentar profundamente o desleixo governamental e afirmar que este desleixo pode acarretar graves consequências, o que o desespero pôde germinar no cérebro daqueles que têm toda a razão—os operários tanoeiros;

3.º Protestar energicamente contra o procedimento do representante do governo português em Londres;

4.º Afirmar a sua inteira solidariedade à classe dos tanoeiros;

5.º Dar plenos poderes ao comité central para preparar a indispensável agitação para, no momento psicológico, o povo vir convenientemente à rua em auxílio dos operários tanoeiros;

6.º Saudar, por intermédio da C. G. T., a organização operária de todo o mundo.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Faro

FARO, 19.—Reuniram as classes marítimas desta cidade para tratar de assuntos de organização.

Presidiu Manuel Marrão, secretariado por José Bento e Luís António.

Usa em primeiro lugar, da palavra José Martins Grilo, delegado da C. G. T., que defende largamente a necessidade que todas as classes trabalhadoras têm de se organizar para se defenderem das explorações do patronato e das violências do poder.

Explica detidamente a questão suscitada entre os políticos dirigentes da Federação Marítima e a C. G. T., demonstrando que aqueles traíram os interesses das classes marítimas e pretenderam malquistá-las e isolá-las da organização operária.

As classes marítimas souberam a tempo desembaraçar-se da armadilha preparada pelos divisionistas partidários de I. S. V. aderindo à C. G. T. porque esta só se preocupa com o bem estar dos trabalhadores e não os arrasta para o campo da política, levando-os a servir interesses inconfessáveis.

Termina por aconselhar todos os presentes a darem toda a vitalidade ao seu sindicato.

Falou a seguir, na mesma ordem de ideias do orador antecedente, José Francisco delegado dos marítimos que seguem os métodos sindicalistas revolucionários, tendo sido em seguida encerrada a sessão.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Guimarães—Segue officio para o qual pedimos resposta breve.

Cesteiros de Gonçalo—Segue officio.

Domingos Ferreira—Braga—Idem.

Sindicato do Porto—Vamos responder.

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Aljstrel

—Só hoje recebemos a vossa carta datada de 11; segue o expediente requisitado.

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Conselho Inter-federal—Recebemos vossa officio e vale.

INTERESSES DE CLASSE

Os operários pedreiros e o seu indifferntismo

Desnecessário seria apelar para a consciência dos componentes da classe dos pedreiros, se todos eles fossem conscientes e soubessem cumprir a missão que lhes cabe como operários e como sindicalistas.

Mas a indústria da Construção Civil atravessa um período angustioso. A crise de trabalho é grande e as tentativas de baixa de salários vão-se tornando mais frequentes.

Por várias vezes a nossa classe tem reunido para tratar destes magnos problemas e muitos dos interessados têm brilhado pela sua ausência.

Nem a fome, a negra fome que vai penetrando nos lares pobres, tuberculizando as mulheres e as crianças, impele os camaradas a ter mais cuidado e a pôr maior atenção nestas questões de tanto interesse para a classe.

A crise é cada vez maior. Porquê? Porque não haja trabalho na indústria da Construção Civil? Não! Esta crise obedece, em parte, a uma tática do patronato que pretende forçar-nos, pela fome, a abdicar de algumas escassas regalias alcançadas, como as oito horas de trabalho e os nossos mínguados salários.

Mas os generos de primeira necessidade ainda custam um dinheirão, continuando alguns dêles a subir de preço escandalosamente.

E a classe, que devido ao seu indifferntismo tem deixado que se percam algumas regalias, encontra-se na miséria.

E' preciso que os pedreiros voltem ao seu sindicato dando-lhe a força da sua presença e dos seus alvites, a fim de fazer encolher as garras aduncas do patronato, que pretende apenas esmagar o operariado, destruí-lo a organização para melhor o explorar.

E' necessário energia e resistência.

Avante pela classe dos pedreiros de Lisboa!

Guilherme Artibeiro
(sindicado)

FESTAS ASSOCIATIVAS

O 11.º aniversário do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste

O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, comemorando o 11.º aniversário da sua fundação, realiza, amanhã, na Casa dos Ferroviários, Barreiro, uma grandiosa festa, para a qual elaborou o seguinte programa:

As 8 horas, início dos festejos com uma salva de 21 morteiros, hasteamento da bandeira sindical, acto este que é abrilhantado pela Sociedade Instrução e Recreio Barreirense.

As 13 horas, recepção dos delegados dos diferentes organismos operários e do distinto conferente dr. sr. Câmara Reis, iniciando-se em seguida a sessão solene.

As 14 horas, conferência pelo dr. sr. Câmara Reis, subordinada ao tema: «Educação Popular».

As 16 horas, concerto pela distinta banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense que, gentilmente, acedeu ao pedido da comissão dos festejos, que executará vários trechos do seu vasto repertório, sob a regência do laureado maestro sr. Manuel Ribeiro.

As 19 horas, conferência pelo jornalista e escritor Mário Domingues, sob o tema «A Arte».

As 21 horas, espectáculo pela companhia Araújo Pereira sob a direcção e encenação do mesmo artista.

SOLIDARIEDADE

A bordo do vapor «Pedro Gomes» foi tirada para Américo Dias, uma subscrição que rendeu 247\$50. Esta importância já lhe foi entregue.

Pró João Gomes

E' hoje, pelas 21 horas, que se realiza no Salão de Festas da Construção Civil uma festa em auxílio de João Gomes que se encontra impossibilitado de trabalhar, cujo programa está a cargo do Grupo Dramático Solidariedade Operária: «O Triunfo», drama em 1 acto; Canção social; «Bandidos», drama em 1 acto; «Uma teima», comédia em 1 acto.

A festa é abrilhantado pelo Grupo Musical «O Cravo».

—Comunica-nos Augusto Vitor Cunha, preso há longo tempo na esquadra das Múnicas, que recebeu, de uma quete aberta na Cooperativa dos Canteiros, a quantia de 15\$00.

CRISE DE TRABALHO

Bôlsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados os pedreiros, carpinteiros, serventes e canteiros que se encontram inscritos neste organismo a comparecerem hoje, pelas 11 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Chacineiras de Aldegaleta

ALDEGALETA, 19.—Continuam com a maior coragem, a pesar de há 50 dias lutarem não se verificando um desfalecimento. Acabam de ser enviados officios aos sindicatos de Condutores de Carroças, Móveis de fretes e *chauffeurs*, esperando elas a sua adesão ao conflito, o que muito contribuirá para o solucionar.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$30.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho Geral

O Conselho Geral dêste organismo voltou a reunir com a representação dos seguintes organismos: Mobiliários, Litógrafos, Metalúrgicos, Manipuladores de Pão, Construção Civil, Alfaiates, Impressores, Tipógrafos, Confeiteiros, Chapeleiros, Operários Municipais, Trabalhadores de Tráfego, Manufactores de Calçado, Empregados no Comércio e Indústria, Encadernadores e Anexos. Antes da ordem de trabalhos foram tratados os seguintes assuntos:

Alberto Monteiro refere-se mais uma vez à ausência de Rozendo José Viana às reuniões do conselho. Lembra que seja convidado este camarada por officio a comparecer às referidas reuniões.

Sebastião Marques protesta contra a falta de pagamento do subsídio ao manipulador de pão Tomé Sotomaior.

Eduardo Ortiz pergunta à comissão incumbida de se avisar com a direcção do Sindicato dos Caixeiros pelo resultado dos seus trabalhos.

Sebastião Marques, em nome da comissão referida, diz que a direcção daquele organismo lhe declarou que só uma nova direcção poderá resolver o assunto. No entanto os elementos da Associação dos Caixeiros entendem que o acordo só se poderá realizar com a rectificação de algumas notícias publicadas que os caixeiros consideram insultuosas.

Alexandre Assis explica ao conselho que, antes de se ter realizado o Congresso Confederal, um membro da direcção do Sindicato dos Caixeiros o informou de que seria fácil um acordo para a solução do incidente entre os Caixeiros e Câmara Sindical. O mesmo camarada depois do congresso de Santarém e a pretexto dum resolução ali tomada, disse não ser agora possível esse acordo.

O secretário geral lhe depois um officio da Liga dos Amigos dos Hospitais em que aquela instituição solicita resposta a um officio que dirigiu à Câmara Sindical. Como já foi enviada à Liga uma resposta ao referido officio, a Câmara Sindical vai prevenir aquela instituição dêste facto.

Na ordem de trabalhos—Deportações e presos sem culpa formada—fez uso da palavra Ortiz que defendeu a conveniência de dentro dos sindicatos se agitar a questão dos presos de forma a criar-se um ambiente favorável a um trabalho de maior alcance.

Alberto Monteiro refere-se à resolução tomada pela assemblea dos manipuladores de pão acerca da paralisação de trabalho no dia em que abrir o parlamento.

Sobre o assunto falaram vários delegados, todos unânimes em exaltar a conveniência de nesse dia o operariado fazer uma grande afirmação de solidariedade aos presos acompanhando a comissão que entregará um documento.

Em seguida foram nomeados para a comissão pró-regresso dos deportados Sebastião Marques, Alfredo Martins, Alexandre Assis e Jaime Tiago.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato do Pessoal de Longo Curso.—A fim de apreciar e resolver assuntos de máxima importância para a classe, pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Eleição da Comissão Administrativa para o ano 1920; 2.º Nomeação do delegado efectivo da classe; delegados à Federação Marítima e Câmara Sindical do Trabalho e outros assuntos de interesse colectivo.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais de Vila Boim.—Reuniram em assembleia geral tendo nomeado Inácio J. Caeiro delegado ao Conselho Confederal. Foi aprovado, por unanimidade, um protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada.

Empregados no Comércio de Viseu.—Os novos corpos gerentes, nomeados na assembleia de 25 de Outubro, são: Assembleia geral, presidente, Elísio Esteves; vice-presidente, António Madureira; 1.º secretário, Manuel Domingos; 2.º secretário, Carlos Alberto A. de Sousa. Direcção, presidente, Carlos Alberto Ferreira; vice-presidente, Fernando Lopes dos Santos; Tesoureiro, Eduardo Marques Sequeira; 1.º secretário, Hermenegildo Augusto Vilar; 2.º secretário, Manuel de Almeida Lopes. Directores, Hernando dos Santos, Manuel Marques Júnior, António dos Santos, Amadeu Antunes de Figueiredo. Bibliotecário, Manuel Gomes Mendonça.

U. S. O. de Faro.—Reuniu o conselho de delegados que tratou de vários assuntos de organização e apreciou a forma como se encontra constituída a comissão administrativa, tendo a comissão revisora de contas referido vários assuntos de ordem interna.

S. U. da Construção Civil de Paredes.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Crise de trabalho, deportações e assinaturas nos Caminhos de Ferro do Cais de Sodré as Cascais.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—Comissão Redactorial da F. J. S.—Reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de transcendental importância, que se relacionam com a saída do «Despertar».

Núcleo de Lisboa.—Secção Mobiliária.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão reorganizadora para um assunto urgente.

PERSEGUIÇÕES

Transferência de presos

Foram transferidos da esquadra onde se encontravam para a do Beato os seguintes presos:

Joaquim Clemente, Luís José de Abreu, Raúl da Silva Monteiro, Misael Dias Macedo, Manuel Tavares da Silva.

Let o Suplemento de A BATALHA